

Beata de Iemanjá – a mãe do Brasil

Gustavo Melo Cerqueira



Mãe Beata se destaca na defesa pela diversidade cultural

● Mãe. Essa é a chave para entender a resistência do povo negro ao longo da História do Brasil. Foram as mães pretas que mantiveram e mantêm sua cultura, dignidade e ancestralidade diante das políticas genocidas adotadas contra os negros, desde os navios negreiros até os dias atuais.

Mãe Beata de Iemanjá é uma delas. A menina Beatriz nasceu no Iguape, interior do Recôncavo Baiano, nos anos 30. Desde pequena percebeu que sua sobrevivência estava ligada à manutenção de sua ancestralidade.

Viu nos terreiros de candomblé um reduto de manutenção da língua, comida, dança, música, mitologia e fitoterapia de seus avós. Se iniciou nos anos 50, em Salvador, com Olga do Alaketu, sacerdotisa descendente do antigo reino de Ketu, situado no atual Benin.

PEQUENA ÁFRICA

Veio para o Rio de Janeiro com 4 filhos no fim dos anos 60, em busca de uma vida melhor. Refez o caminho que suas tias baianas, fundadoras da Pequena África (centro do Rio), vinham fazendo desde o início do século. Trabalhou como doméstica e costureira, entre outros serviços, até se aposentar e conseguir fundar

sua própria comunidade em Miguel Couto, Nova Iguaçu.

O Ilê Omiojuaro, que na língua iorubá quer dizer "a casa das águas dos olhos



Mãe Beata se firmou como liderança e se destacou por defender a causa das mulheres, dos pobres, dos negros e do respeito pela diversidade cultural

do caçador", foi como chamou sua roça de candomblé. Lá se firmou como liderança e se destacou por defender a causa das mulheres, dos pobres, dos negros e do respeito pela diversidade cultural.

Hoje, com 84 anos, Mãe Beata afirma que "como eu sei de onde eu vim, sempre soube aonde eu queria chegar". Neste sábado, comemora mais um ano de iniciação para Iemanjá, a grande mãe das primeiras águas do Universo. Que a força de seus mares continue semeando amor, justiça e esperança. Awúre, Iyá.